

A utilização ‘científica’ da fotografia no estudo e diagnóstico da alienação mental¹

TÂNIA SOFIA FERREIRA

CITCEM/FLUP

The *scientific* relation between the individual and their personality has long been established since Antiquity. Hence flourishes physiognomy, the alleged art of knowing the human character from their facial and body features. Alongside the genesis of Psychiatry, in the 19th century, the first representations of the physiognomy of the ‘alienated’ spring as a vehicle, according to Esquirol, to «clarify the nature of the ideas and the affections that preserve the delirium of these patients».

In this context, photography becomes a relevant scientific tool to the study of the mental alienation, by capturing the alleged/supposed characteristic traits of a certain pathology. Likewise, in Portugal, the psychiatrist Júlio de Matos (1856-1926) includes in his work ‘Elements of Psychiatry’ [*Elementos de Psiquiatria*] (1911), numerous photographs of *the alienated*, whose expression would indicate their corresponding pathological predicament.

This paper aims at perceiving the study of the human facial expression as a *scientific* study object, and its evolution, as well as assessing the durability and the scientificity of the conclusions derived from this secular questioning until the *scientific* use of photography as a means of study and diagnosing mental pathologies during the secular transition.

Keywords. mental illness, alienism, photography, Júlio de Matos

~

Desde a Antiguidade que se estabeleceu uma relação *científica* entre a figura de um indivíduo e a sua personalidade. Assim nasce a fisiognomonia, suposta arte de conhecer o carácter humano pelas feições do rosto e de outras formas do corpo. Com o nascimento da psiquiatria, no século XIX, surgem as primeiras representações da fisiognomonia dos alienados, de forma a «esclarecer o carácter das ideias e das afeções que conservam o delírio destes doentes», segundo Esquirol.

Neste âmbito, a fotografia torna-se uma ferramenta científica relevante no estudo da alienação mental, ao captar pela imagem os supostos traços característicos de determinada patologia. Também em Portugal, o psiquiatra Júlio de Matos (1856-1926) incluiu na sua obra *Elementos de Psiquiatria* (1911), numerosas fotografias de alienados cuja expressão indicaria a patologia que afetava os doentes.

Este trabalho tem como objetivo perceber a evolução do estudo do rosto humano enquanto objeto de estudo *científico*, avaliar a durabilidade e a cientificidade das conclusões derivadas desse questionamento secular até chegarmos ao uso *científico* da fotografia como meio de estudo e diagnóstico da patologia mental na transição secular.

Palavras-chave. loucura, alienismo, fotografia, Júlio de Matos



INTRODUÇÃO

O ROSTO E O ESTUDO DAS EXPRESSÕES NA ATUALIDADE

O rosto, sendo a parte do corpo mais visível no contacto social, é, sem dúvida, um poderoso canal de comunicação interpessoal. Território de interrogação, análise e fascínio intemporal, o rosto humano foi, desde sempre, objeto de interesse para os mais variados campos intelectuais e artísticos. Médicos, cientistas, filósofos, clérigos, pintores, atores, todos eles deram o seu contributo para a construção e interpretação daquele que é o cartão-de-visita de qualquer ser humano. Uns procuraram nele as leis da simetria perfeita, a representação de Deus espelhada na beleza e na harmonia dos traços, outros ainda procuraram interpretar, pela disposição das linhas faciais, o grau de honestidade e inteligência, a tendência para a mentira, criminalidade ou loucura num determinado indivíduo. Todo o movimento e composição deste pequeno território que é o rosto humano foi percebido e explicado *cientificamente*, ao longo dos séculos, por diversos atores.

Nos nossos dias, este interesse pelo rosto não só se mantém como se intensifica com o auxílio de técnicas informáticas cada vez mais apuradas. A investigação sobre o rosto humano e as expressões faciais tem permitido realizar a topografia do rosto humano e dar ao seu movimento e configuração uma explicação científica. Falamos de instrumentos como o *Facial Action Coding System*² (FACS, 1978, 2002), desenvolvido por Paul Ekman e Wallace Friesen, nos anos 70, que permite medir a atividade muscular das inúmeras expressões faciais, ao identificar 44 unidades de ação do rosto na área superior — testa, sobrolhos e olhos — e inferior — faces, nariz, boca e queixo — e o *FACS Affect Interpretation Database* (FACSAID), uma ferramenta para «entender como as ações musculares das expressões podem

configurar conceitos psicológicos», através da análise anatómica, óssea e muscular do rosto humano (Magalhães, 2011: 23).

Fundado e dirigido pelo Professor Doutor Armindo Freitas Magalhães, na cidade do Porto, o Laboratório de Expressão Facial da Emoção (FEELab/UFP), é o exemplo do que de melhor se tem feito em Portugal nesta área. Este laboratório promove, há vários anos, um trabalho de investigação na área da psicologia da comunicação humana centrado no estudo da expressão facial da emoção, desenvolvendo métodos de investigação científica da expressão facial da emoção e do comportamento humano, como é o caso das plataformas informáticas *Psy7Faces* (*Ibidem*: 217). Este *software* de análise e reconhecimento das emoções humanas tem como objetivo concretizar uma base de dados com expressões faciais de mais de cinco mil portugueses, desde crianças a idosos, mas também um registo dos denominados «componentes vocais das emoções», como o timbre, ritmo, tom, gestos e outros movimentos do corpo.

Sobre a importância e a utilidade destas ferramentas, Armindo Freitas Magalhães esclarece que este centro de investigação tem como propósito «criar novos conhecimentos científicos sobre as emoções humanas e as suas formas de expressão social» para, em seguida, disponibilizar este «manancial de conhecimento ao serviço da sociedade», de modo a «contribuir para o bem-estar das pessoas» (*Ibidem*: 218). Falamos da aplicação do *Psy7Faces* na justiça, onde permitirá detetar, através da análise da expressão facial, se o suspeito de um crime está a dizer a verdade durante um interrogatório; em situações de recrutamento e seleção de pessoas para um posto de trabalho, onde o *software* detetará alguma discrepância que possa existir entre a linguagem verbal e não-verbal; no domínio da saúde, no sentido de «reeducar as expressões» com vista a melhorar a relação médico-doente, adequando a expressão dos profissionais de saúde à situação do paciente, entre outras aplicações³.

Com o mesmo intuito de concorrer para o bem-estar pessoal e social, partindo

de um maior conhecimento do significado das expressões, veremos que, ao longo de séculos, foram desenvolvidos instrumentos, técnicas, delineadas variadas abordagens metodológicas para descodificar o rosto humano. É sobre este trabalho secular que nos debruçaremos antes de mais.

FISIOGNOMONIA: A EXPRESSÃO COMO OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO

— COMO E PORQUÊ?

O feio é mau por natureza
(Eco, 2011: 261)

É na Antiguidade que se estabelece, pela primeira vez, uma relação “científica” entre a figura de um indivíduo e a sua personalidade. Nas palavras de Aristóteles, era «possível deduzir o carácter segundo os traços do rosto, por pouco que aceitemos que o corpo como a alma em conjunto são modificados pelas afeções naturais» (Quétel, 2010: 100). Assim nasce a fisiognomonia, «pseudociência que associava os traços do rosto (e a forma de outros órgãos) a tendências e a caracteres morais» (Eco, 2011: 257), partindo da ideia que o «rosto reproduz uma imagem fiel do ser humano» (Belting, 2017: 103).

Nas palavras de um cientista italiano do século XVI, Giambattista della Porta (1535-1615)⁴, a fisiognomonia tratava-se de uma «ciência verdadeiramente divina», desde sempre estudada e reconhecida pelos homens mais célebres — Aristóteles, Sócrates, Séneca — como aquela que permitiria «conhecer com tanta precisão a natureza do homem e dos seus costumes, que parece que penetramos nos seus mais secretos pensamentos; diria mesmo, nos recantos mais profundos do seu coração» (Porta, 1808: VI).

Tal como o nome da obra indica, o seu princípio consistia em demonstrar a relação direta que se poderia estabelecer entre os *traços do rosto, as formas do corpo, a maneira de andar, a voz, o riso, etc.* com os costumes e a personalidade do indivíduo. A começar pela cabeça, a «mais nobre de todas as partes», e uma das mais

importantes para os estudos fisionómicos, por guardar no seu interior as «faculdades do entendimento», sendo a mais importante a vontade, que comandaria «os diversos órgãos destinados pela natureza a executar as suas leis». A *observação* demonstraria que era suficiente «lançar o olhar sobre a cabeça de um homem para ao mesmo tempo julgar o estado do seu coração» (*Ibidem*: 2)⁵; mas também os cabelos⁶, as orelhas⁷, enfim, todas as partes do corpo humano são analisadas segundo o volume, a forma ou a cor.

A importância desta *ciência*, uma “graça divina”, como lhe chamava Della Porta, que permitiria conhecer a interioridade de um ser humano por sinais visíveis, não obstante qualquer o esforço de dissimulação, residia na possibilidade de um conhecimento mais *exato* da paisagem humana envolvente com fins de proteção individual e social⁸, pelo reconhecimento das «marcas da imprudência, da infidelidade, ou de qualquer outro vício». Igualmente, no intuito de fornecer às ciências elementos precisos, uma instrução prática, Charles Le Brun (1619-1690), intenta uma «gramática universal da expressão das paixões» (Belting, 2017: 105), em que as sobrancelhas, por exemplo, seriam uma espécie de «agulha indicando o estado do movimento da alma» (*Ibidem*: 105-105).

Mas foi sobretudo Johann Kaspar Lavater (1741-1801) que conferiu à fisiognomonia um carácter *científico* através do seu *Essai sur la physiognomonie destine à faire connaître l'homme et à le faire aimer*, publicado a partir de 1775. Na definição do autor, a fisiognomonia tratava-se do «talento de conhecer o interior do Homem pelo seu exterior — de perceber por certos indícios naturais o que não surpreende imediatamente os sentidos» (Lavater, *Essai sur la physiognomonie, Vol I*: 22). Existiriam, assim, no «exterior do homem traços numerosos que não podem ser disfarçados de maneira nenhuma, e estes são os sinais mais fiáveis do seu carácter interior» (Quétel, 2010: 100). Desta forma, a *ciência* fisionómica, além de ajudar a reconhecer tendências morais apreciáveis, como a honestidade ou a sabedoria, revelar-se-ia também de uma grande utilidade para «detetar as marcas que o vício imprime sobre os seus escravos» (*Ibidem*).



Imagem 1. *Machine sûre & commode pour tirer des silhouetes* [Máquina segura e cómoda para desenhar silhuetas] (Lavater, 1783: tome II, 160).

Inspirado no método de observação que dirigia as ciências naturais nascentes e convicto de que dispunha de uma «intuição infalível da verdade» quanto à natureza do rosto humano, afirmava que a «virtude refletia-se na beleza física, enquanto o vício teria ‘a face deformada de um demónio’» (Belting, 2017: 106). Lavater evoca mesmo uma “imagem original”, criada à imagem de Deus, que seria a forma arquetipo do homem, ideia que evoca constantemente no seu ensaio.

As feições do rosto conquistavam, deste modo, com os trabalhos de Lavater, o estatuto de objeto *científico*, passível de ser estudado, manipulado, medido, como representação fiel do mundo interior do homem e enquanto expressão do naturalismo no discurso científico. Enquanto Lavater concebia a sua metodologia de conhecimento da interioridade humana, foram numerosos os seus contemporâneos que anteviram os «perigos do caminho» que se abriu com a afirmação da suposta cientificidade da fisiognomia, como Goethe: «a presença de Lavater, dá-me um



Imagem 2. *Expression du rire* [Expressão de riso] (Darwin, 1877: 218, Tab. III).



Imagem 3. *Expression du dédain, du mépris, du dégoût* [Expressão de desdém, desprezo, desgosto] (Darwin, 1877: 276, Tab. V).



Imagem 4. *Expression de la frayeur* [Expressão de medo] (Darwin, 1877: 324, Tab. VII).

arrepio na espinha» (Quétel, 2010: 101). Da análise dos traços do rosto, passou-se rapidamente ao exame das formas do crânio, como fez a frenologia de Franz Gall que, tal como a fisiognomonia, pretendia através do estudo da configuração craniana estabelecer uma relação “científica” entre as faculdades intelectuais dos indivíduos e as suas tendências morais – génio, anormalidade, loucura ou crime.

Já numa época pós-fisiognómica, como lhe chama Hans Belting, a *Anatomie de l'expression*, do fisiologista Charles Bell, que conhece a sua primeira edição em 1806, procurou estudar não tanto o rosto nos seus traços individualizantes, mas o movimento dos músculos faciais na fisionomia humana o que culminou «provisoriamente com a teoria darwiniana da evolução». Com efeito, Charles Darwin, no seu estudo de 1872 sobre *L'Expression des émotions chez l'homme et chez les animaux*, lembra que foi o fisiologista que lhe «mostrou o caminho» com este estudo, fazendo desenhar, para esta obra, diagramas dos movimentos dos músculos faciais inspirados em modelos de Charles Bell. Segundo nos explica Hans Belting, Darwin viu na mímica a expressão das emoções estereotipadas que se teriam

formado no curso da evolução das espécies para assegurar a sobrevivência. Os músculos reagiriam a reflexos provocados por sensações como a ansiedade, a tristeza ou a dor que, tratando-se de sensações inatas, raramente estariam submetidas à vontade dos indivíduos. Neste âmbito, para Darwin, a expressão seria uma «ação social» na medida em que «envia sinais que se compõem e se conservam na vida das espécies» (Belting, 2017: 115).

Outro trabalho marcante no estudo da fisiognomia humana e que interessará também a Charles Darwin não só pelas conclusões emanadas como pela abundante documentação fotográfica, que inclusivamente incorpora na sua obra sobre a *Expression* de 1872, é a do neurologista Guillaume Benjamim Duchenne, que publica, em 1862, o *Mécanisme de la Phisionomie humaine*, onde analisa o rosto dos seus pacientes com o recurso a descargas elétricas (Ver Imagem 4).

A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE A DOENÇA MENTAL NO SÉCULO XIX

Vejam, é assim que se parece um lunático
(Rawling, 2017: 9)

Desde a segunda metade do século XIX que a fotografia invadiu o espaço quotidiano e institucional como um objeto material e cultural. Asilos, hospitais, prisões e escolas, quase imediatamente à sua invenção, fizeram largo uso desta tecnologia revolucionária, chegando mesmo a montar laboratórios fotográficos dentro das instituições para o efeito⁹. Nos hospitais para alienados, a incorporação desta nova forma de criar imagens veio não só corresponder a uma velha tentativa de capturar os distúrbios internos por manifestações exteriores, como veio facilitar o registo das expressões patológicas que, naquele momento, ganhavam grande relevo no estudo da alienação mental.

Ao contrário de outras maneiras de criar imagens, o que a fotografia vai oferecer é uma «representação única, envolvendo discursos de verdade, exatidão, e realismo que não se encontrava em nenhum outro *media* como o desenho ou a pintura» (Rawling, 2017: 4). Neste âmbito, a imagem fotográfica converteu-se num instrumento de comunicação e informação entre vários agentes: médicos e mesmo pacientes. Utilizada pelos médicos, a fotografia tornou-se uma ferramenta importante para registar e recolher informações clínicas e, simultaneamente, um documento visual para comunicar ideias, difundir conhecimento e informação sobre a doença mental. Como afirma Katherine Rawling, quando um médico incorporava imagens do rosto ou do corpo dos pacientes para comunicar conhecimento sobre a doença, a mensagem era só uma: «vejam, é assim que se parece um lunático» (*Ibidem*: 9). Com este propósito surgem fotografias, em alguns livros de medicina para estudantes ou para clínicos gerais, com o intuito de informar sobre os sinais físicos e a “aparência” típica de um alienado. E o apelo era simultaneamente dirigido não só para a visualização da imagem, como também para a sua compreensão “correta”, já que ela era acompanhada de textos ou legendas explicativas da fotografia.

Para os pacientes, a fotografia também pode ser entendida como um meio de afirmar e recriar a própria identidade. A preparação para o retrato, como fariam se estivessem fora do hospital, pode ter sido também uma maneira de os doentes resistirem à autoridade e ao estigma da alienação, da mesma maneira que muitos recusavam ser fotografados. Segundo a mesma autora, existem numerosos exemplos de pacientes que se apresentavam para a fotografia a sorrir e a recriar poses típicas para um retrato como se estivessem num estúdio profissional. Nesse momento, homens e mulheres apresentavam-se não como doentes, mas como «senhoras refinadas e *gentlemans*» (*Ibidem*: 13).

Um dos mais fervorosos utilizadores desta nova tecnologia dentro dos hospitais para alienados foi o inglês Hugh Diamond (1809-1896), médico alienista

no Surrey County Lunatic Asylum, de 1848 a 1858, que, animado pela convicção de que a natureza da perturbação mental era visível por sinais exteriores, fez fotografar inúmeros pacientes.

O “pai da fotografia psiquiátrica”, como ficou conhecido, foi um dos primeiros a querer fazer da fotografia um instrumento *científico*¹⁰. O objetivo, além de registrar a aparência do doente para fins de estudo e investigação, e para identificação dos pacientes recorrentes e criminosos alienados, auxiliava também no processo de cura. É este médico que nos fala do método terapêutico que consistia em mostrar aos doentes fotografias dos seus rostos num estado de loucura com o objetivo de os chocar, estimular o auto-reconhecimento dos seus comportamentos insanos e, conseqüentemente, direcioná-los para um caminho de recuperação.

Também o neurologista francês Jean Martin Charcot (1825-1893) promoveu, no asilo de Salpêtrière, na segunda metade no século XIX, a utilização da fotografia no estudo da histeria. Esta tarefa foi confiada a Albert Londe, pioneiro da fotografia médica em França e diretor do serviço fotográfico desta instituição. Deste trabalho conjunto com Charcot resultaram duas revistas médicas ilustradas com fotografias de pacientes, *a Icnographie photographique de la Salpêtrière* (1875-1880)¹¹ e depois a *Nouvelle Icnographie de la Salpêtrière* (1888-1918)¹². Álbuns fotográficos que tinham como objetivo fazer uma representação “objetiva” da histeria.

Nos últimos anos, várias disciplinas tais como a antropologia, a história, história da arte, estudos sobre a cultura visual, têm demonstrado um crescente interesse pelos arquivos fotográficos institucionais do século XIX. Neste âmbito, são essencialmente os estudos de Michel Foucault respeitantes às instituições de controlo (hospitais, asilos, escolas e prisões), onde o poder e a dominação eram exibidos — por exemplo, no panóptico de Jeremy Bentham —, que influenciam os estudos sobre a fotografia, colocando em destaque a dimensão disciplinar, a vigilância que representava a visão, o conhecimento e o poder da imagem.

A afirmação da fotografia no século XIX insere-se num contexto marcado por uma «obsessiva manutenção de registos», que assistiu à afirmação de outras *ciências*, como a frenologia que, pelas saliências do crânio, determinava a disposição moral dos indivíduos — loucura, genialidade, criminalidade — ou ainda o sistema de Bertillon, uma técnica cujo objetivo passava por medir, fotografar, descrever e categorizar os indivíduos segundo um catálogo de medições físicas. Neste reino do *Olhar*, a fotografia tornou-se num instrumento de controlo e coerção onde os indivíduos, seja sob o olhar perscrutador do médico ou do polícia, tornam-se passivos objetos de estudo (Godbey, 2000: 44).

A utilização da fotografia no estudo e diagnóstico da alienação mental, no século XIX, veio reforçar aquela que era já a convicção de que por sinais exteriores era possível conhecer com segurança as tendências psíquicas dos indivíduos, sinais esses que os estudantes de medicina, médicos e leigos, eram “treinados” a reconhecer. A ampla divulgação de imagens de doentes mentais, em livros ilustrados, ajudaria também a difundir a mensagem de que os alienados, assim como os criminosos, tinham características físicas distintas, visíveis.

O sucesso *científico* da fotografia no estudo e diagnóstico da alienação mental coincide com outro grande sucesso nos ideais etiológicos sobre a doença no século XIX: a teoria da degenerescência, segundo a qual o indivíduo “degenerado” apresentaria uma série de estigmas, físicos ou psíquicos, que tornariam visível a sua patologia. É sobre os principais pressupostos desta doutrina e sobre a influência que vai exercer no pensamento matosiano que nos debruçaremos em seguida.

A TEORIA DA DEGENERESCÊNCIA: O SUCESSO DE UMA IDEIA

O sistema que vai unir de forma determinante todas estas asserções e que, como veremos, constituiu um dogma no pensamento científico matosiano relativamente à etiologia da alienação mental, será a teoria da degenerescência, que

impregnou todas as teorias no campo do alienismo no século XIX, como a causa predominante da alienação mental, e que, nas palavras de Claude Quézel, «conduzirá ao racismo 'científico'» (Quézel, 2010: 100).

A teoria da degenerescência¹³ surge em meados do século XIX e trata-se do primeiro modelo de explicação etiológica da loucura. Enunciada por Morel, em 1857, no seu *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine*, conheceu um futuro de sucesso, dada a sua larga difusão por toda a Europa e a durabilidade das suas concepções, permanecendo como um dogma até aos inícios da Primeira Guerra.

Os pressupostos sobre os quais se apoia Morel, para construir «uma aproximação resolutamente organicista da doença mental», são de ordem religioso-metafísica. A teoria da degenerescência tinha como base, para o católico Morel, a ideia de um pecado original, onde a loucura surgia como «consequência de uma decadência original, aquela que atinge a criatura pecadora, afastada do paraíso», ou seja, «uma transformação patológica superveniente sobre o homem perfeito tal e qual como Deus o criou» (Postel, 2011: 120). Neste âmbito, em «nome da crença da consubstancialidade da alma e do corpo», Morel não faz uma distinção entre causas físicas e morais, concorrendo todas no mesmo plano para «o aparecimento da alienação mental» (Lecourt, 2004: 310-311).

Nesta obra, Morel descreve uma série de causas predisponentes, ou seja, causas cuja influência debilitaria gradualmente o organismo, sendo a mais importante a hereditariedade¹⁴. Assim se constroem duas noções fundamentais na teoria da degenerescência: a ideia de “predisposição” e a de “estigma”. Estas causas, que podiam ser físicas ou morais, individuais ou gerais, por acumulação hereditária, iriam originar em cada novo indivíduo uma predisposição, uma fraqueza orgânica, que o poderia conduzir, sob a influência de causas determinantes, à alienação mental. O “estigma”, que podia ser moral (atraso intelectual ou afetivo, inadaptação social) ou físico (atrofias, hipertrofias ou distrofias), seria a face visível do processo



Imagem 5. *Irmãos idiotas microcéfalos* (Matos, 1911: 356).

degenerativo¹⁵. A teoria da degenerescência é da seguinte forma explicado por Patrice Pinnel:

«[...] sob a sua ação um indivíduo vai desenvolver um dano nervoso podendo manifestar-se por perturbações mentais, muitas vezes menores, mas que, sobretudo, vão alterar a sua hereditariedade. Ele transmite aos seus descendentes uma predisposição à fraqueza nervosa. Fragilizados, estes últimos são expostos a desenvolver, por sua vez, uma verdadeira doença mental, por pouco que sejam submetidos à ação das causas determinantes, podendo ser elas também físicas, morais ou sociais. Agravando-se de geração em geração (agravamento que se manifesta por estigmas de degenerescência), o processo continua até à vinda ao mundo de um degenerado completo (onde o idiota acamado é um exemplo modelo), incapaz de procriar. Então a descendência degenerada extingue-se» (Lecourt, 2004: 311).

Esta teoria será revista e corrigida um quarto de século mais tarde por alienistas franceses como Magnan, Legrand du Saulle, ou neurologistas como Féré, Déjerine, que a reinterpretaram à luz do evolucionismo darwiniano. Como explica Patrice Pinnel, com esta nova compreensão, a teoria da degenerescência deixava cair as referências católicas — como a ideia de decadência da criatura original — substituindo-as pelo princípio darwiniano da *seleção natural*, enquanto a extinção das famílias degeneradas passa a ser interpretada segundo o princípio darwiniano da *luta para a vida* (Lecourt, 2004: 311).

Contudo, é particularmente a V. Magnan que se deve a sistematização definitiva da teoria da degenerescência, conduzindo à sua definição em 1895:

«A degenerescência é o estado patológico do ser que, comparativamente aos seus geradores mais imediatos, é constitucionalmente enfraquecido na sua resistência psicológica e não realiza senão incompletamente as condições biológicas da luta para a vida: este enfraquecimento, que se traduz por estigmas permanentes, é essencialmente progressivo, salvo regeneração intercorrente quando esta se faz ausente, resulta mais ou menos rapidamente no aniquilamento da espécie» (apud Postel, 2011: 120).

Tal como a grande maioria dos seus congêneres europeus, Júlio de Matos assinalava a hereditariedade como a causa predisponente mais importante da alienação mental, tanto que «Estudando bem os antecedentes do alienado

difícilmente deixará de encontrar-se este fator etiológico» (Matos, 1884: 14). Ao passo que anteriormente os médicos só considerariam hereditário um caso de loucura quando nos descendentes se manifestasse doença igual, em 1884, no *Manual das Doenças Mentais*, o autor nota que a influência hereditária tendia a alargar-se para todos os casos de alienação mental verificados nos descendentes dos «nevropatas, dos alcoólicos e dos afetados de doenças diatésicas». Neste âmbito, «o alienado representa, não a repetição necessária da loucura ancestral, mas o último termo de uma longa série de íntimas degenerações físicas e psicológicas» (*Ibidem*: 14-15).

Em 1911, com a publicação dos *Elementos de Psiquiatria*, a influência da hereditariedade mórbida continua a ser de tal maneira proeminente que, segundo Júlio de Matos, «perto de trinta anos de observação» o levavam a «considerar como absolutamente excepcionais, se existem, os casos em que ela não pode invocar-se» (Matos, 1911: 15). Assim, nesta obra, observamos que a esfera de influência da hereditariedade mórbida estende-se ainda mais, não apenas a perturbações psíquicas, mas a todo um conjunto de “defeitos” físicos e morais, ou seja:

«[a todos os] exemplares de loucura em cuja ascendência se encontram *nevropatias*, de qualquer ordem, orgânicas ou funcionais, *intoxicações crônicas* de qualquer espécie, *anomalias de carácter*, desde a excentricidade até à avareza, à prodigalidade e às perversões sexuais, *crimes* indicativos de falta ou deficiência de senso moral, *suicídios* imotivados, *defeitos congénitos*, como a gaguez e o surdo-mutismo, *doenças constitucionais* ou diatésicas, tais como a gota, o cancro, o raquitismo, e *deformidades físicas originárias*, como a polidactilia e o lábio leporino, por exemplo» (*Ibidem*).

O predisposto, um «indivíduo congenitamente anormal», um degenerado, era assim facilmente diferenciado do homem comum por «caracteres físicos e psíquicos inconfundíveis», que em psiquiatria eram conhecidos pelo nome de *estigmas*, e que sob a causa mais insignificante conduziam o indivíduo à loucura (*Ibidem*: 18). E porque o processo de degenerescência era de carácter familiar, cuja tara hereditária se agravava de geração para geração, caso os estigmas físicos e morais apontados não

fossem imediatamente reconhecidos — o que poderia suceder com os *predispostos hereditários de pequena tara ou predispostos simples*—, um «inquérito bem conduzido» às famílias destes predispostos faria sempre iluminar qualquer um dos *vícios* anteriormente apontados: «nevrose, cerebropatias, doenças medulares, nevrites, alcoolismo, criminalidade, suicídio, defeitos e anomalias de evolução, enfermidades diatésicas ou ainda uma fealdade extrema» (Matos, 1911: 19-20) .

ESTIGMAS FÍSICOS

Segundo Júlio de Matos, a alienação mental manifestava-se por perturbações de ordem psíquica e somática (ou física). Ainda que, em regra, no entender do psiquiatra os primeiros se revelassem mais importantes no diagnóstico, uma vez que constituiriam a manifestação mais imediata da loucura — «alteração do pensamento, da afetividade e do carácter» —, existiriam numerosos casos em que «os fenómenos psíquicos e somáticos se combinam tão intimamente e são de tal maneira solidários que é impossível dissociá-los sem romper a unidade clínica das doenças» (*Ibidem*: 40). Isto explicava-se pelo facto de que a alienação mental era a «doença de um órgão que não só executa as superiores funções conscientes, mas preside a todas, tróficas e de relação» (*Ibidem*: 41). Neste âmbito, evidenciando uma leitura resolutamente organicista, que compreende a alienação mental como consequência de lesões cerebrais, julgamos estas palavras como as que melhor evidenciam a solidariedade que se vai manter, na hora de elaborar o diagnóstico de determinada afeção, entre o psíquico e o físico, entre o interior e o exterior, como manifestações da mesma natureza mórbida.

Em *Elementos de Psiquiatria*, Júlio de Matos ilustra com o recurso a fotografias (Ver *Imagens 6 – 8*) os estigmas físicos, que poderiam ser a «desproporção entre o crânio e a face», «implantação viciosa dos dentes», «conformação irregular das orelhas» ou «anomalias nos órgãos genitais». Assim, no plano sintomatológico, nomeadamente no grupo dos *Sintomas Físicos ou Somáticos*¹⁶, Júlio de Matos,

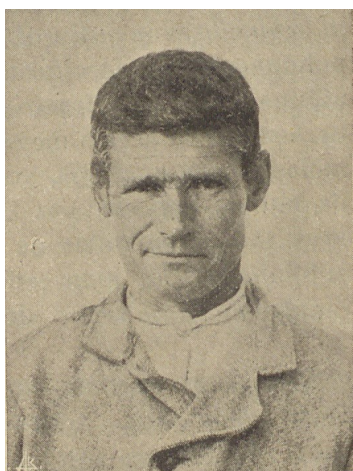


Imagem 6. *Assimetria Expressiva* (Matos, 1911: 103).

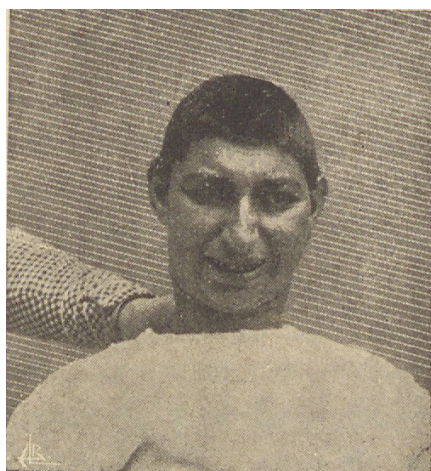


Imagem 7. *Microcefalia* (Matos, 1911: 124).

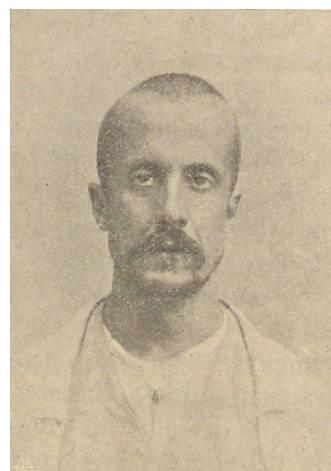


Imagem 8. *Crânio escafoide* (Matos, 1911: 126).

enumera aqueles que apelida de *Morfológicos*, ou seja, relativos à forma física dos alienados, seja em relação à configuração craniana ou às formas corporais. Neles reconhecer-se-iam «estigmas degenerativos» (ou *vícios de conformação*), denotando, assim, «suspensões do desenvolvimento psíquico individual»¹⁷ (Matos, 1911: 123).

ESTIGMAS PSÍQUICOS

— SIGNIFICADO PATOLÓGICO DA EXPRESSÃO DOS ALIENADOS

O mau-olhado não é uma pura fantasia popular
(Matos, 1911: 534)

Relativamente aos *estigmas psíquicos*, Júlio de Matos enuncia que estes se reconheciam nos degenerados pela “instabilidade”, “desequilíbrio” — «notas dominantes da vida mental dos degenerados» — vaidade, «um revoltante egoísmo», «tendências místicas», masturbação, «perversões sexuais» — homossexualidade, satiríase, ninfomania, bestialidade, sadismo, masoquismo etc. — propensão às intoxicações pelo álcool, morfina, éter ou cocaína, que seriam “vulgares”; «falta de perseverança», «falta de iniciativa», «disposições para o jogo» (Matos, 1911: 18-19).

Estes *estigmas psíquicos* manifestar-se-iam em perturbações da «linguagem mímica», que seriam de duas ordens: «perturbações da *expressão mímica ou da fisionomia* e perturbações da *ação mímica ou dos gestos*» (*Ibidem*). Desta forma, o psiquiatra estabelece uma correspondência direta entre a expressão dos doentes, revelada não apenas pelo rosto, mas por toda a postura corporal, com os «estados emocionais, ideias e tendências dos doentes» (*Ibidem*). Explicitamos a correspondência que o autor estabelece no quadro seguinte:

EXPRESSÃO MÍMICA OU FISIOGNÓMICA	FORMA DE ALIENAÇÃO
TRISTE	MELANCOLIA SIMPLES
ALEGRE	EXALTAÇÃO MANÍACA
DESCONFIADA	DELÍRIO DE PERSEGUIÇÕES
ALTIVA	DELÍRIO DE GRANDEZAS
ATENTA	ESTADOS ALUCINATÓRIOS
EXTÁTICA	DELÍRIOS MÍSTICOS
ALHEADA	CONFUSÃO MENTAL
MANHOSA	IMBECILIDADE
IRÓNICA	LOUCURA LÚCIDA
SINISTRA	LOUCURA MORAL
ATERRADA	DELÍRIO TREMENS
ANSIOSA	MELANCOLIA
SENSUAL	DELÍRIO ERÓTICO
COLÉRICA	MANIA AGUDA; EPILEPSIA
COQUETTE	HISTERIA
AMANEIRADA	DEMÊNCIA PRECOCE
FÁTUA	DEBILIDADE MENTAL

Quadro 1. Correspondências entre formas de «Expressão mímica ou fisiognómica» e formas de «Alienação», conforme estabelecidas por Júlio de Matos. No final do presente artigo, encontra-se um glossário que esclarece de forma resumida as características patológicas das formas de alienação aqui referidas, tal como Júlio de Matos as entendia.

Estes *estigmas psíquicos*, manifestados na expressão dos alienados, encontram-se claramente referidos na explicação sintomatológica de algumas formas de alienação mental, como é o caso da melancolia, da loucura moral e da paranoia. Neste caso, a inserção de fotografias de alienados na descrição destas doenças, legendadas com o tipo mórbido correspondente, é o exemplo da aplicação da fotografia ao estudo e na exposição científica dos casos médicos. A este respeito,

toda a fisionomia e a postura do «melancólico» (Ver *Imagem 9*), por exemplo, refletiriam sempre «o sentimento penoso de impotência, de fadiga, de cansaço que o domina»:

«A falta de secreções cutâneas, dando à pele e aos cabelos uma aridez característica, aumenta o aspeto doloroso, envelhecido e exausto do melancólico. As atitudes de abandono traduzem o desalento, a falta de energia e de confiança, o mal de viver. A cabeça pendida sobre o peito, os olhos meios cerrados, o dorso curvo, as mãos inertes dizem eloquentemente o sentimento geral de impotência» (Matos, 1911: 364-365).

Reportando-se ao «paranoico religioso»¹⁸ (Ver *Imagem 10*), que apregoaria a renúncia aos bens materiais e que, por diversas vezes, teria sido preso por anarquismo em França e Itália, e cujo orgulho se manifestaria à menor contrariedade, Júlio de Matos discorre largamente sobre o carácter mórbido deste alienado, não obstante, por vezes, usar a «máscara da humildade» tendo a fotografia do mesmo como auxiliar na exposição médica.

Mas é na loucura moral, em particular, que Júlio de Matos reforça a evidência dos estigmas psíquicos dos alienados, com a agravante de não apenas indiciarem uma patologia mental, mas uma hipotética ou já justificada natureza criminosa do indivíduo.

Segundo a definição avançada por Júlio de Matos, a loucura moral tratava-se de uma «situação degenerativa caracterizada pela ausência ou perversão dos sentimentos de piedade e de probidade, que na sua forma elementar constituem o mínimo de senso moral indispensável à vida coletiva» (Matos, 1911: 530-531).

Esta variedade de alienação mental veio a relacionar-se intimamente com a criminalidade, por influência das teses do antropólogo criminal italiano Césare Lombroso — autor da teoria do criminoso-nato — que pretendeu ilustrar, em *L'Homme criminel*, a suposta correlação entre estigmas físicos e psíquicos nos criminosos. Sinais degenerativos reconhecer-se-iam facilmente, segundo Júlio de Matos, em toda a expressão fisiognómica do louco moral. O olhar, o riso, a atitude, cuja morbidez era detetada por uma «espécie de instinto», constituindo indicadores



Imagem 9. *Melancólico* (Matos, 1911: 364).

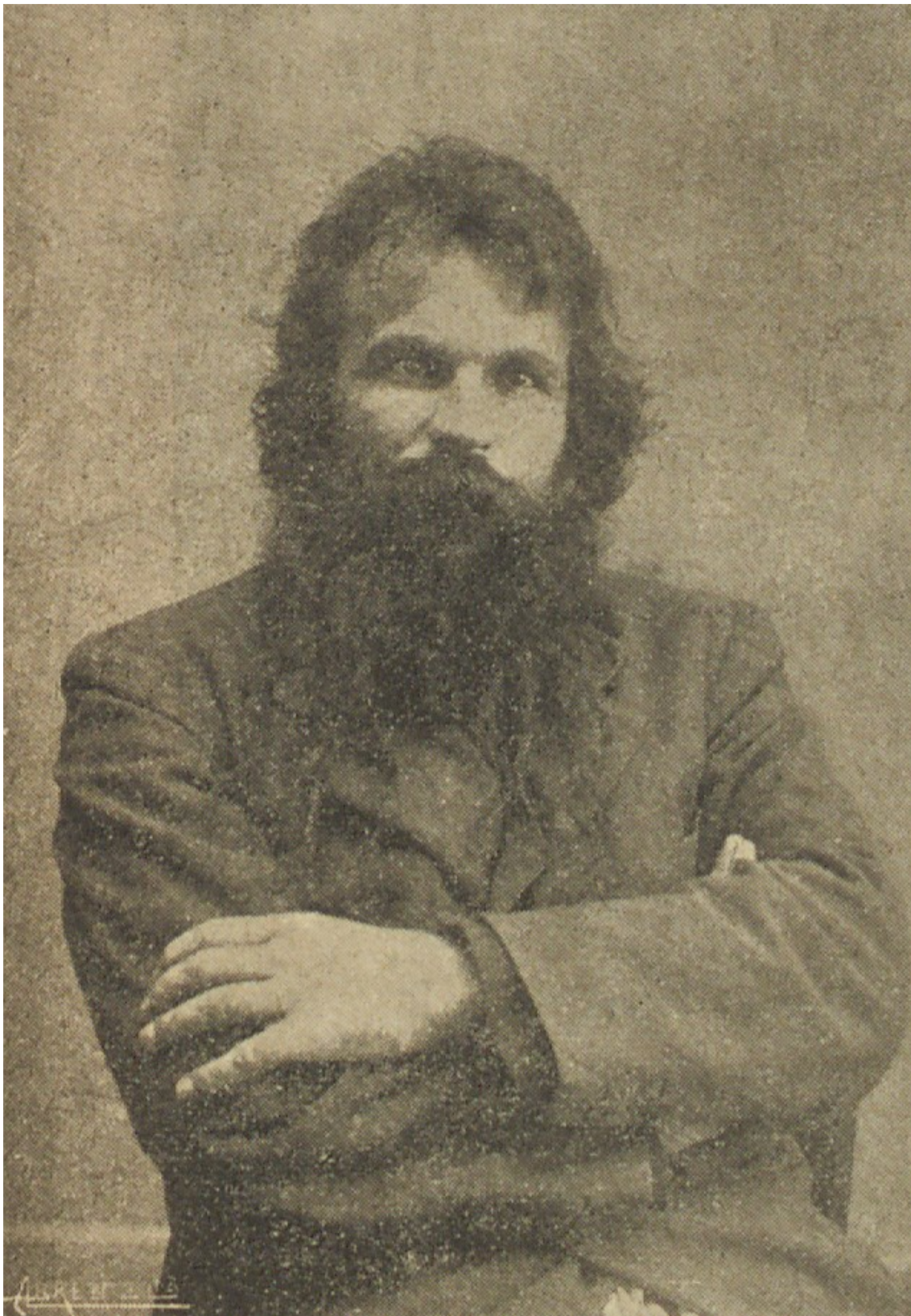


Imagem 10. *Paranoico religioso* (Matos, 1911: 587).

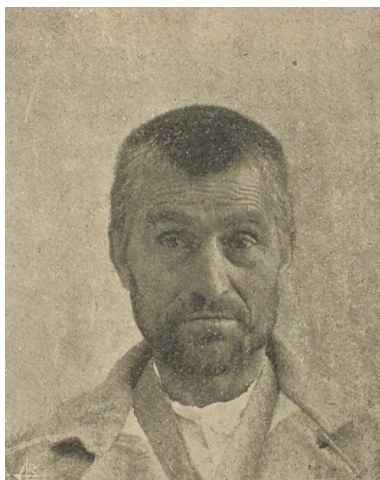


Imagem 11. *Loucura moral com fraqueza de espírito e delírio intermitente (estupro das próprias filhas)* (Matos, 1911: 531).



Imagem 12. *Loucura moral (envenenadora e ladra)* (Matos, 1911: 535).



Imagem 13. *Loucura moral (homicídio)* (Matos, 1911: 532).

fiáveis do carácter e da afeção que atingia o indivíduo: «a expressão fisiognómica tem no louco moral ou criminoso-nato alguma coisa de antipático e de repelente, que se descreve com dificuldade, mas se sente por uma sorte de instinto» (Matos, 1911: 534).

A *observação direta* de António Alves Ferreira, 64 anos, viúvo, agricultor, acusado do estupro das três filhas (Ver *Imagem 11*), cujo relatório médico-legal elaborado por Júlio de Matos se encontra publicado na *Gazeta dos Hospitais do Porto*, de 1909, permitiu ao psiquiatra concluir que determinados traços físicos «mais grosseiros» estavam plenamente de acordo com o carácter criminal do examinando:

«O aspeto bestial, que dá um ar de família aos estupradores incestuosos, surpreende-se imediatamente na fisionomia do réu. A face, de traços grosseiros, é desenvolvida e não está em relação com o crânio, pouco volumoso e de frente fugidia. Os olhos são pequenos, inexpressivos, de cor indecisa, de pálpebras carnosas; o nariz é volumoso; e a boca um pouco desviada para a direita, é largamente fendida e oferece um lábio inferior polposo e descaído. Os lóbulos das orelhas são aderentes. O réu é baixo, forte, de movimentos lentos e pesados» (Gazeta, 1909: 154-155).

A descrição dos sinais degenerativos exteriores do indivíduo em questão surge após o conhecimento da natureza do crime praticado — estupro das filhas —, pois só nestes casos se aplicava a necessidade de elaborar um relatório médico-legal, a fim de apurar da imputabilidade ou inimputabilidade do indivíduo, e após a descrição da «infeliz herança psicopática» de António Ferreira. Com efeito, Júlio de Matos apurou que as duas avós, materna e paterna, tinham sofrido de «hemorragias cerebrais, vindo a morrer, ao fim de alguns anos, de paralisia em estado demencial», que o avô paterno teria dado «manifestações de loucura», que o pai morrera de «apoplexia cerebral», e que nos últimos três anos de vida a mãe estivera «alienada». Além disso, os pais de António Ferreira teriam sido «excessivamente prolíficos, pois tiveram 16 filhos» (Gazeta, 1909: 155).

No caso da loucura moral, os estigmas psíquicos revestem-se ainda de um carácter profético. Determinado indivíduo não teria ainda cometido qualquer ilegalidade, mas os seus traços físicos e psíquicos anómalos já constituiriam prenúncios de uma índole criminosa. Júlio de Matos exemplifica esta correlação com o caso do médico Urbino de Freitas¹⁹, não obstante o exame fisionómico ser feito após os acontecimentos:

«O envenenador Urbino de Freitas, professor de medicina, nunca inspirou aos alunos senão um confuso sentimento de repulsão. O olhar, umas vezes truculento e vítreo, outras inquieto e desconfiado; a ausência de euritmia das linhas faciais; a substituição do riso franco por um riso cruel ou cínico, tudo isto concorre a provocar emoções de antipatia e às vezes de medo» (Matos, 1911: 534).

De facto, existem conceitos tais como o *mau-olhado*, a *intuição*, ou o *instinto* cuja cognoscibilidade os princípios positivos de *observação* e *experiência* não podiam verificar, mas que Júlio de Matos pressupunha orientarem todos os seres vivos na aproximação ou afastamento de outros seres. Numa carta ao sobrinho, datada de 12 de agosto de 1912, relativamente a questões de análise psicológica, o psiquiatra escreve:

«No fim de contas, uma sorte de instinto, mal estudado ainda, adverte todos os bichos da terra das simpatias e antipatias dos outros bichos! Vocês gostam de mim, porque eu gosto de vocês e vocês o sabem por uma secreta e misteriosa intuição que não falha. Esta é que é a coisa, como diria o Teófilo. E o caso é geral em todo o mundo biológico» (*Carta nº570*, Museu de Maximiano Lemos).

CONCLUSÃO

Na transição do século XIX para o século XX, a fotografia encontra-se em concordância com o processo de objetivação e classificação do indivíduo realizado pelo alienismo. A imagem fotográfica, convertida cientificamente com base na teoria da degenerescência, responde, em *Elementos de Psiquiatria*, ao propósito de ilustrar e familiarizar o leitor com os supostos sinais degenerativos dos alienados. A fotografia, ao fixar os estigmas físicos e morais dos indivíduos, que seriam detetados na expressão fisiognómica e em toda a postura corporal, assumia assim um carácter indubitável, ascendia à categoria de instrumento auxiliar no estudo e no diagnóstico da alienação mental.

As representações fisiognómicas dos alienados surgem no decurso de um fascínio intemporal pelo rosto humano. Objeto de atenção e interrogação permanente por parte das mais variadas áreas de saber, desde a medicina, filosofia, arte, criminologia até à religião, o estudo do rosto e das suas expressões pretendeu elaborar um conhecimento *exato* da paisagem humana envolvente com fins de proteção individual e controlo social, através da determinação da *verdadeira* natureza dos homens. Partindo de modelos morais personalizados pela Antiguidade Clássica — Aristóteles, Séneca, Sócrates etc. —, que incarnavam virtudes como a sabedoria e a honestidade, passando até àquela que seria a imagem do ser perfeito criado por Deus, foram várias as ilações que perduraram na história das ideias e das mentalidades. Por exemplo, a associação da fealdade com características morais menos apreciáveis, tais como a maldade, desonestidade, criminalidade ou loucura — *o feio é mau por natureza* —, ideia que acabaria por estigmatizar os indivíduos

com características físicas menos harmónicas, deduzindo traços de personalidade através da sua aparência exterior. Ou ainda reflexões, em jeito de diagnóstico, que tinham como objetivo ler no rosto a saúde do corpo, não só física como também mental, transformando a expressão na melhor imagem da doença e das taras hereditárias.

Homens como Lavater, Della Porta, assim como tantos outros que deram credibilidade *científica* a este método, alimentaram a convicção de que, por meio da fisiognomonia, conseguiriam proteger-se a si mesmos, aos seus entes queridos e aos seus bens, afugentando, ou pelo menos, diminuindo, as probabilidades de traições, desgostos, tristezas, através do reconhecimento de pessoas *suspeitas*. O mesmo se promete, e vende, atualmente — *Increase your emotional awareness and detect deception*²⁰ —, suportado por um renovado conhecimento científico da expressão e com a ajuda de técnicas informáticas cada vez mais sofisticadas. Trará este conhecimento um maior bem-estar social e individual? Estará a felicidade e a harmonia das relações humanas, pelo conhecimento *exato* do significado das expressões do outro, ao alcance de um clique, ou de uma subscrição anual? Que implicações podem advir do uso generalizado da análise do rosto nas relações sociais, laborais, em situações de recrutamento, etc. para o indivíduo? A utilização de tecnologia de inteligência artificial para o reconhecimento facial tem levantado questões éticas muito pertinentes, como nos resume, por exemplo, Marc-Antoine Dilhac, em entrevista para o *Correio da Unesco*. Este e outros autores falam mesmo de um intrigante ressurgimento da fisiognomonia, pela utilização de *software* de reconhecimento facial para identificar um «comportamento terrorista», um «carácter criminoso», ou ainda, a orientação sexual de determinada pessoa. A violação da privacidade, o uso e abuso de técnicas de reconhecimento facial e de identificação do perfil racial e social, o reforço de preconceitos e estereótipos são apenas alguns exemplos que mostram, nas palavras do autor, «a necessidade urgente de se estabelecer um modelo ético para a pesquisa em Inteligência Artificial» (Dilhac, 2018: 31).

— ANEXO 1 —

GLOSSÁRIO

CONFUSÃO MENTAL

Trata-se de uma afeção «caracterizada fisicamente por fenómenos de desnutrição e, mentalmente, por um estado de exaurimento e desorientação, que pode acompanhar-se de erros psicossensoriais, de ideias delirantes e de agitação motora sem base afetiva» (Matos, 1911: 208).

DEBILIDADE MENTAL

Os débeis mentais ou fracos de espírito constituem, para Júlio de Matos, um meio termo entre os idiotas —cuja afeção é tributária de uma cerebropatia, manifestando-se fisicamente por «sintomas de ordem patológica» — e os imbecis— cuja afeção é uma «degenerescência, uma anomalia», em que a influência de «vícios hereditários» impedem o natural desenvolvimento cerebral (Matos, 1911: 593).

DELÍRIO ERÓTICO

Segundo Júlio de Matos, o «paranoico erótico é sempre um casto, um platónico; e a pessoa amada, umas vezes real, outras vezes quimérica, pertence invariavelmente a uma categoria social superior, pouco importando que seja formosa ou feia, moça ou velha, elegante ou mal feita, porque, anafrodisíaco, o amor paranoico não se preocupa com a estética sexual» (Matos, 1911: 590).

DELÍRIO DE GRANDEZAS

«É também chamado megalómano ou ambicioso. Pode aparecer quer como manifestação inicial da paranoia, quer em seguida a um delírio de perseguições». Nas palavras de Júlio de Matos, seriam numerosos os temas que coloriam o delírio de grandezas: «um nascimento ilustre, um talento excepcional de inventor, uma reforma religiosa ou política a cumprir, um amor por alguém de alta hierarquia» (Matos, 1911: 584-586).

DELÍRIO DE PERSEGUIÇÕES

Variedade nosológica inserida na categoria da Paranoia, caracterizada, essencialmente, pela «crença errónea, mas indestrutível, numa hostilidade do meio» (Matos, 1911: 571).

DELÍRIOS MÍSTICOS

«É também chamado *profético*, porque o doente se crê investido na elevada missão de pregar uma nova doutrina mística ou de propagar uma religião em crise» (Matos, 1911: 586).

DELIRIUM TREMENS

«É uma confusão mental com preponderância de alucinações visuais e generalização do trémulo alcoólico» (Matos, 1911: 251).

DEMÊNCIA PRECOCE

«É uma psicose constitucional caracterizada por uma desagregação das funções afetivo-motoras e intelectuais, sobrevivendo, em regra, na adolescência ou na juventude e tendo por termo, para o qual caminha através de episódios alucinatórios e delirantes, uma irreparável falência mental» (Matos, 1911: 485).

ESTADOS ALUCINATÓRIOS

Estado daqueles que experimentam «sensações e percepções sem objeto» (Matos, 1911: 56-57).

HISTERIA

Tanzi definiu esta afeção como uma «disposição constitucional, as mais das vezes hereditária, dos centros nervosos a reagirem de um modo paradoxal a estímulos insignificantes ou imperceptíveis para os normais» (Matos, 1911: 435).

IMBECILIDADE

«É uma psicopatia essencialmente caracterizada por suspensão de desenvolvimento mental e tributária, não de lesões cerebrais, mas de agenesia hereditária» (Matos, 1911: 592-593).

LOUCURA MORAL OU LÚCIDA

«É uma situação degenerativa caracterizada pela ausência ou perversão dos sentimentos de piedade e de probidade, que na sua forma elementar constituem o mínimo de senso moral indispensável à vida coletiva» (Matos, 1911: 530-531).

MANIA

«É uma psicose caracterizada por um prolongado sentimento expansivo de força física e moral, podendo ir desde a satisfação ou euforia (excitação maníaca) até à máxima exaltação cerebral (mania típica)» (Matos, 1911: 388).

MELANCOLIA

«É uma psicose caracterizada por um prolongado *sentimento doloroso* de impotência física e mental, umas vezes resignado ou apenas inquieto (melancolia simples), outras angustioso e agitado (melancolia ansiosa)» (Matos, 1911: 361).

NOTAS

- 1 O presente artigo resulta da comunicação intitulada *A loucura na fotografia: o caso do alienista Júlio de Matos (1856-1924)*, apresentada nos II Encontros de Fotografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, novembro de 2017.
- 2 Para mais informações sobre as funcionalidades e potencialidades do *Facial Action Coding System*, cujo estudo sobre as micro expressões inspiraram séries televisas americanas como "Lie to me" (2009), consultar o seguinte endereço em linha: <https://www.paulekman.com/>.
- 3 Interrogado sobre o principal propósito da investigação e análise das expressões faciais, Armindo Freitas Magalhães tem esclarecido que prefere colocar o problema na deteção das «incongruências emocionais e acentuar o carácter da verdade», e não na deteção de mentiras e mensagens falsas que o rosto possa exibir.
- 4 Segundo Hans Belting, Giambattista Della Porta é um «familiar do teatro napolitano que descreve nas suas próprias comédias como um rosto se transforma em máscara quando é hipnotizado». Uma ideia recorrente nas obras deste autor é de que o rosto seria «uma espécie de máscara (*pictura*)». Neste âmbito, o homem «traria uma 'máscara transparente, inseparável do verdadeiro rosto', uma espécie de segunda face» (Belting, 2017: 105).
- 5 Relativamente à cabeça, são analisados os sinais relativos ao volume e à forma.
- 6 Entre todas as cores de cabelo, o louro levava a preferência, associado por Aristóteles, segundo Della Porta, «à força, energia e coragem [...] comparado aos leões», enquanto os cabelos negros anunciavam um «temperamento agitado e os cabelos brancos um temperamento frio». Os cabelos de um louro quase branco anunciariam um «carácter austero, rústico e pleno de malícia» (Porta, 1808: 31).
- 7 Fazendo referência à sabedoria antiga, nomeadamente aos estudos de Aristóteles, Della Porta diz que as orelhas grandes «designam um homem extremamente vaidoso, mas de uma memória feliz, e na sua fisiognomonía está naturalmente ligado a um burro» (Porta, 1808: 36-37).
- 8 A este respeito Della Porta acrescenta: «de modo a que cada um, cuidando da sua própria segurança, possa fazer a sua escolha nas muitas pessoas que o rodeiam, afastando-se de pessoas suspeitas, e ligando-se com aquelas de uma fidelidade e de uma honestidade reconhecida» (Porta, 1808: VI).
- 9 Durante o ano de 1888-1889, foi instalado um gabinete fotográfico no Hospital Conde de Ferreira no Porto.
- 10 Hugh Diamond foi um dos fundadores, em 1853, da Royal Photographic Society. Algumas fotografias de pacientes do manicómio que dirigiu podem ser visualizadas no sítio em linha da National Gallery of Art.
- 11 Reprodução da obra *Iconographie photographique de la Salpêtrière* (1877-1880) disponível em linha <https://wellcomecollection.org/works/gnwg7zzf/>.
- 12 Reprodução do 3º volume da obra *Nouvelle iconographie de la Salpêtrière* (1890) disponível em linha, <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7180675n/f1.planchecontact.r=Nouvelle%20Iconographie%20de%20la%20Salp%C3%AAtre%20C3%A8re#>.
- 13 Segundo Jacques Postel, o termo degenerar, surge no século XIV, em sentido literal, como «perda das qualidades naturais da sua raça». No fim do século XVIII, degeneração e degenerescência «conquistam rapidamente um sentido médico preciso, específico da anatomopatologia recente, enquanto 'transformação patológica de um tecido'» (é neste sentido que este conceito continua a ser largamente utilizado pelos neurologistas). Os naturalistas como J. Lamarck ou Buffon definem a degenerescência como um «desvio doentio da espécie». Em seguida, este conceito não cessa de evoluir no decurso da elaboração de teorias sucessivas que lhe servem de base: são as 'teorias da degenerescência' (Postel,

- 2011 : 120).
- 14 Segundo Patrice Pinnel, o ponto forte da teoria de Morel, e que mais vai seduzir os seus contemporâneos, é a ligação que este estabelece no seu *Traité des dégénérescences* entre desordem cerebral e transmissão hereditária, atribuindo um papel central à hereditariedade na compreensão da etiologia e da patogenia das doenças mentais. Familiarizado com o transformismo de Lamarck, Morel inspira-se na sua obra para «constituir a loucura como um processo de carácter familiar, evoluindo sobre inúmeras gerações» (Lecourt, 2004: 311).
 - 15 Segundo Jacques Postel, a ideia de que o «corpo traduz as qualidades da alma» não era nova, como temos vindo a demonstrar neste trabalho, tendo sido retomada por Morel, leitor de Franz Gall (Postel , 2011: 121).
 - 16 Os *Sintomas Físicos ou Somáticos* são de três ordens: *Relacionais* (perturbações da sensibilidade, motilidade, “linguagem falada”), *Orgânicos* (perturbações ao nível da nutrição, circulação do sangue, respiração, digestão, menstruais, etc.) e *Morfológicos* (ao nível da configuração craniana, rosto, órgãos genitais etc.). Cf. Matos, 1911: 109-130.
 - 17 Importa, desde logo, segundo o autor, esclarecer que não se podiam confundir “vícios” com “anomalias”. Com efeito, os primeiros constituíam uma «revelação exterior de lesões do cérebro», enquanto as segundas podiam significar somente «desvios locais da nutrição de um órgão externo», sem suspensão do desenvolvimento psíquico. Cf. Matos, 1911: 123.
 - 18 No final do presente artigo, encontra-se um glossário que esclarece de forma resumida as características patológicas das formas de alienação aqui referidas, tal como Júlio de Matos as entendia.
 - 19 Segundo Júlio de Matos, a Paranoia tratava-se de uma «degenerescência ou anomalia mental, clinicamente traduzida por um delírio sistematizado primitivo e egocêntrico, acompanhado ou não de alucinações, incorrigível e que, por si mesmo, não conduz à demência». O delírio religioso trata-se de uma variante desta categoria nosológica. Cf. Matos, 1911: 568.
 - 20 Urbino de Freitas (1849-1913), médico e professor na Escola Médico-cirúrgica do Porto, acusado de envenenar o cunhado e o sobrinho, em 1890, naquele que ficou conhecido como o “Crime da Rua das Flores”.
 - 21 Programa acessível no sítio em linha do Dr. Paul Ekman, disponível em <https://www.paulekman.com/>.

REFERÊNCIAS

- Belting, H. (2017). *Faces. Une histoire du visage*. Paris: Gallimard.
- Charcot, M. (dir.), Bourneville & Regnard, P. (1877-1880). *Iconographie photographique de la Salpêtrière* [reprodução digital]. 3 volumes. Paris: Progrès Médical. Disponível em <https://wellcomecollection.org/works/gnwg7zzf/>.
- Charcot, M. (dir.) (1890). *Nouvelle iconographie de la Salpêtrière* [reprodução digital]. Volume 3. [Paris]. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7180675n/f1.planchecontact.r=Nouvelle%20Iconographie%20de%20la%20Salp%C3%AAtri%C3%A8re#>
- Darwin, C. (1875). *L'expression des émotions chez l'homme et les animaux*. Paris: C. Reinwald et C, Libraires - Éditeurs.
- Dilhac, M. A. (2018, julho-setembro). *Os riscos éticos da AI/Interviewer: R. Meyran*. (Vol 3), O Correio da Unesco.

- Eco, U. (2011). *Histoire de la Laideur*. Paris: Flammarion.
- Godbey, E. (2000). *Picture Me Sane: Photography and the Magic Lantern in a Nineteenth-Century Asylum*. *American Studies*, 41(1), 31-69.
- Lavater, J. G. (1806). *L'Art de connaitre les hommes par la phisionomie* (Vol. III). Paris.
- ___ (1781-1803). *Essai sur la Physiognomonie, Destiné a faire Connoître l'Homme et a le faire Aimer*. 2 volumes. Haye.
- Lecourt, D. (2004). *Dictionnaire de la pensée médicale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lombroso, C. (1887a). *L'homme criminel. Criminel né – Fou moral – Épileptique. Étude Anthropologique et médico-légale*. Paris: Félix Alcan Éditeur.
- ___ (1887b). *L'homme criminel. Atlas*. Paris: Félix Alcan Éditeur.
- Magalhães, A. F. (2014, 7 de agosto). O rosto nunca mente [entrevista], *Expresso*. Lisboa.
- ___ (2013). *A Psicologia das Emoções: o Fascínio do Rosto Humano*. Porto: Leya.
- Matos, J. d. (1911). *Elementos de Psiquiatria*. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão.
- ___ (1909). Relatório Médico-legal, *Gazeta dos Hospitais do Porto*, 153-156.
- ___ (1884). *Manual das Doenças Mentais*. Porto: Campos & Godinho Editores.
- National Gallery of Art* [catálogo em linha] (s.d.). Dr. Hugh Welch Diamond: Works of Art. Disponível em <https://www.nga.gov/collection/artist-info.13375.html#works>.
- Pereira, P. T., Gomes, E., & Martins, O. (2005). A alienação no Porto: o Hospital de Alienados do Conde de Ferreira (1883-1908). In *História—Revista da Faculdade de Letras do Porto*, III (6), 99-128.
- Peres, I. M. (2014). Fotografia Médica. In F. M. Costa & M. Jardim (coord.), *100 anos de Fotografia Científica em Portugal*. Lisboa: Edições 70.
- Porta, J. B. (1808). *L' Phisionomiste, ou L'Observateur de l'homme considéré sous les rapports de ses moeurs et de son caractère; d'après les traits du visage, les formes du corps, la démarche, la voix, le rire, etc. etc. Avec des rapprochemens sur la ressemblance de divers individus, avec certains animaux*. Paris: Henry Tardieu, Imprimeur-Libraire.
- Postel, J. (2011). *Dictionnaire de la Psychiatrie*. Paris: Larousse.
- Postel, J., & Quételet, C. (2004). *Nouvelle histoire de la psychiatrie*. Paris: Dunod.
- Quételet, C. (2010). *Images de la Folie*. Paris: Gallimard.
- Rawling, K. D. B. (2017). 'She sits all day in the attitude depicted in the photo': photography and the psychiatric patient in the late nineteenth century, *Medical Humanities*, 43(2), 99-110.
- Thullier, J. (1996). *La folie. Histoire et Dictionnaire*. Paris: Robert Laffont.